

Juíza pede prisão de 4 índios parecis

■ Polícia identificou acusados do massacre de dois brancos. Há 4 menores envolvidos

SILVIO ANDRADE

CUIABÁ — A juíza Nilza Maria Mariano Carvalho, da 1ª Vara Criminal de Cáceres, no Mato Grosso, decretou ontem a prisão preventiva de quatro índios parecis que participaram do assassinato do fazendeiro Adroaldo Ferreira da Silva, de 46 anos, e de seu filho, Adriano, 24, numa estrada que dá acesso à Aldeia Joininha, na Chapada dos Parecis. A polícia do município de Pontes de Lacerda, a 440 km de Cuiabá, já identificou os acusados. Quatro índios menores de idade também são acusados pelo crime.

Em entrevista à TV Cidade (afiliada ao SBT), de Pontes de Lacerda, o índio Juliano confessou friamente os assassinatos, negando, porém, que os dois brancos tivessem sido surpreendidos em emboscada, como suspeita a polícia. Ju-

liano, que não fala português corretamente mas se veste como branco, usando relógio e aliança na mão esquerda, disse que Adroaldo e Adriano invadiram a reserva de sua tribo e reagiram à bala quando foram cercados. “Quando a gente foi conversar, o mais novo (Adriano) apontou uma arma (revólver calibre 32) para mim e atirou”, contou Juliano na entrevista.

A morte dos dois brancos, no entanto, tem conotação de vingança. A própria polícia de Pontes de Lacerda se cala quando surge esta hipótese, relacionada a conflitos anteriores entre o fazendeiro Adroaldo, que já foi proprietário de terras próximas à reserva, e os parecis. Colegas de Adriano, que era oficial avaliador do fórum de Pontes de Lacerda, contam que ele seguiu para a região do crime a serviço, para vistoriar uma fazenda

que está sendo confiscada pelo Banco do Brasil. Sua visita a esta propriedade era freqüente, conforme contou o também oficial avaliador Hamilton Antonio Martins ao **JORNAL DO BRASIL**.

O pai de Adriano passava férias em Pontes de Lacerda e ambos decidiram viajar à região da Chapada dos Parecis num jipe da própria família, que foi encontrado pela polícia em Tangará da Serra, município distante 250 quilômetros. O que intriga a polícia é o motivo que levou Adroaldo e Adriano a viajarem armados de revólver e pistola e farta munição, prontos para uma guerra. O delegado Nabor Fortunato, de Pontes de Lacerda, encarregado das investigações, informou que os corpos foram enterrados numa mesma cova. O laudo médico não indicou perfurações de tiros. Adroaldo e Adriano foram pratica-

mente mutilados da cabeça ao tórax por flechadas e golpes de borduna e machado.

“Foi um crime bárbaro”, reagiu ontem a juíza Nilza Maria Carvalho, ao decretar a prisão preventiva dos quatro índios. Os golpes atingiram principalmente os olhos, o rosto, a barriga e o tórax das vítimas. Junto aos corpos, a polícia encontrou as armas que Adroaldo e Adriano carregavam — uma pistola e um revólver calibre 32 — e seis cartuchos deflagrados, que poderiam ter sido disparados pelas vítimas ou pelos próprios índios para tentar provar uma possível reação. A polícia não descarta uma emboscada, pois o crime ocorreu quando pai e filho retornavam da fazenda onde Adriano fez a vistoria. Há também a hipótese de que ambos foram mortos sem reação.

fonte: FB
data: 28/10/95

class.: 87
pg.: 6